

UMA VISÃO GERAL DA INTERFERÊNCIA NA TRADUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

AN OVERVIEW OF INTERFERENCE IN SCIENTIFIC AND TECHNICAL TRANSLATION



Javier FRANCO AIXELÁ
Universidade de Alicante
Departamento de tradução e interpretação
Alicante, Alicante, Espanha
cvnet.cpd.ua.es/curriculum-breve/es/franco-aixela-javier/11857
orcid.org/0000-0001-6846-7182
javier.franco@ua.es

Traduzido por: Grupo Textos Fundamentais em Tradução

Monique PFAU
Professora Adjunta
Coordenadora da tradução
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/2813361820674391
orcid.org/0000-0002-6388-5737
moniquepfau@hotmail.com

Sacha Costa Primo PEREIRA
Graduada em Línguas Estrangeiras
Aplicadas às Negociações
Internacionais
Universidade Estadual de Santa Cruz
Departamento de Letras e Artes
Santa Cruz, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/5200188201246434
orcid.org/0009-0003-2464-7810
sachaprimo@gmail.com

Nathalia Gabriela Lopo FERREIRA
Mestranda pelo Programa de Pós-
Graduação em Língua e Cultura
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/0256298290112344
orcid.org/0009-0000-8735-8221
natglopo@gmail.com

Letícia Vitória Pimentel da SILVA
Graduada em Letras Inglês e
Vernáculos
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/4189743420534031
orcid.org/0009-0006-9105-6166
leticiapimentel45@gmail.com

Fernanda da Silva Góis COSTA
Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Língua e Cultura
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/4443628036930956
orcid.org/0000-0002-6121-1106
nandacosta1995@gmail.com

Lidiane de Oliveira SILVA
Graduada em Letras / Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/6993503299949621
orcid.org/0009-0002-8448-3232
liddih@gmail.com

Amanda Hora da SILVA
Graduada em Letras / Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/9524847623967215
orcid.org/0009-0002-7595-9200
amandahs@ufba.br

Ariella Beatriz Gama Gomes da
SILVA
Graduada em Letras / Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/7447309786098994
orcid.org/0009-0004-7877-3385
ariella.1@hotmail.com

Poliana Santana Pinheiro dos
SANTOS
Professora de Letras / Inglês
Universidade Federal do Recôncavo
da Bahia
Amargosa, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/0563458929805765
orcid.org/0009-0009-8057-2570
polianasps@gmail.com



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Matheus Santos SILVA
Graduado em Letras Vernáculas e
Letras Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Departamento de Letras Germânicas
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/3258909497547899
orcid.org/0009-0009-3177-909X
mass_wm@hotmail.com

Ana Clara Cerqueira Santos de
SOUZA
Graduada em Letras/Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Departamento de Letras Germânicas
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/2470253818229524
orcid.org/0009-0001-0593-0771
anaclaracss21@gmail.com

Resumo: Neste artigo, exploro a natureza da interferência na tradução, sobretudo nos textos técnico-científicos, usando uma abordagem descritivista. Meu objetivo é explicar esse fenômeno e suas causas com todos os seus paradoxos e não simplesmente condenar essa prática como um exemplo de má tradução. Dessa maneira, darei enfoque ao seu status na literatura da tradução, aos motivos e consequências da interferência em traduções especializadas, assim como aos argumentos dados contra e a favor desse fenômeno.

Palavras-chave: Interferência, normalização, tradução técnico-científica, descritivismo, prescritivismo, globalização, inglês como língua franca.

Abstract: *In this article, I will explore the nature of interference in translation, especially in technical and scientific texts, using a descriptivist approach. My aim is to explain this phenomenon and its causes with all its paradoxes, instead of simply condemning it as an example of supposedly bad translation. Thus, I will focus on its status in the bibliography of translation, on the motives for and consequences of interference in specialised translation, as well as on the nature of the arguments given for and against this phenomenon.*

Keywords: *Interference, normalisation, technical and scientific translation, descriptivism, prescriptivism, globalisation, English as a lingua franca.*

UMA VISÃO GERAL DA INTERFERÊNCIA NA TRADUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA^{1, 2}

Interferência nos Estudos da Tradução

Na tentativa de apresentar uma ampla definição sobre interferências na tradução, podemos classificá-las como importações de itens lexicais, sintáticos, culturais ou estruturais para o texto-alvo que são típicos de um sistema semiótico diferente e incomum ou inexistente no contexto de chegada, pelo menos como instâncias originais de comunicação na língua-alvo. Essa definição inclui a importação, intencional ou não, de palavras e sintagmas estrangeiros literais ou modificados (interferência lexical), de formas (interferência sintática), de itens culturais-específicos (interferência cultural, incluindo nomes próprios) ou de convenções de gênero (interferência estrutural ou pragmática).

A interferência sempre foi um tópico de grande interesse na teoria da tradução, embora abordada sob diferentes perspectivas e rótulos. Alguns deles são ainda mais influenciados por opiniões pessoais do que a própria “interferência”, como contaminação³, *code-switching*, heterolinguismo, influência linguística, hibridismo, empréstimos, interlíngua, tradutês, pidginização, anglicização (independente da língua-fonte), espanglês, portunhol (ou qualquer que seja o par de idiomas), interpenetração ou infiltração, só para citar alguns. As interferências lexicais e sintáticas, em particular, têm sido tradicionalmente consideradas como erros, algo a ser sistematicamente evitado, porque costumavam ir contra uma leitura fluente e transparente. Pode-se partir dos paradoxos envolvidos na noção de interferência, pois sua mera presença mostra que o texto é uma tradução, refutando, assim, a ilusão de igualdade causada por um excesso de semelhança (Humboldt, 1816). Nessa perspectiva, uma tradução que usa palavras ou estruturas sintáticas claramente derivadas da língua-fonte não pode substituir completamente o texto-fonte; ou seja, uma tradução deve ser igual ao texto-fonte, mas não deve soar como se fosse o texto-fonte. Afirmações clássicas como a defesa de Cícero (46 a.C) ou de São Jerônimo (405) da tradução de sentido por sentido em oposição à tradução de palavra por palavra podem ser facilmente lidas como uma rejeição à interferência porque dificulta a fluência, a transparência e o pleno desenvolvimento das línguas-alvo (LAs) como veículos de cultura por direito próprio.

Em agosto de 2008, na BITRA (*Bibliografía de Interpretación y Traducción*)⁴, havia mais de 650 referências a publicações que tratam especificamente de interferência na tradução. Esse número não leva em consideração todos os manuais e publicações onde essa questão está

sempre presente, ainda que não seja tópico central do texto.

A grande maioria desses textos foi publicada após 1950, quando a linguística começou a abordar questões contrastivas de uso nas línguas modernas de maneira sistemática. Como esperado, esses textos estavam e ainda estão, em sua maioria, preocupados principalmente em fornecer receitas para evitar interferência na tradução, especialmente quando o par de línguas envolvido é historicamente próximo e existem múltiplos cognatos (por exemplo, as línguas românicas).

Simultaneamente, sempre houve defensores/as de diferentes níveis de interferência, geralmente quando a natureza sagrada ou canônica do texto-fonte parecia exigir um esforço especial do/a leitor/a em troca de uma tradução mais conservadora, isto é, uma tradução do texto-fonte com seus próprios termos. A Bíblia é um exemplo claro disso e a razão pela qual alguém que defende a tradução sentido por sentido, tal como São Jerônimo (405 d.C.), diz que na Bíblia até a ordem das palavras é sagrada e deve ser respeitada. Schleiermacher (1813), outro teólogo, é provavelmente o primeiro teórico a defender, pelas mesmas razões e de maneira sistemática, o que poderia ser chamado de “interferência controlada” na tradução de textos canônicos e sagrados. É provável que ele tenha sido o precursor a excluir textos especializados desse tipo de estratégia de forma explícita, uma vez que sua redação, supostamente, não transmitia nenhum espírito nacional em especial e sua tradução era, em sua maioria, uma tarefa mecânica.

Na modernidade, teóricos/as como Benjamin (1923), Berman (1984) e Venuti (1998) retomaram a postura de Schleiermacher por diferentes pontos de partida e motivações ideológicas para favorecer traduções explícitas (*overt*), permitindo que o/a leitor/a perceba o texto-fonte como retrato de uma cultura diferente. Tais autores/as denunciam a normalização (substituição de marcas estrangeiras ou idiossincráticas incluídas no texto-fonte pelas variantes mais usuais de acordo com as convenções do texto-alvo) como uma estratégia que elimina a “alteridade” de um texto estrangeiro, que também deve transmitir uma visão de mundo diferente para os/as leitores/as da LA. Dessa forma, a normalização seria um resultado de textos-alvo escritos de maneira uniforme, dando a impressão de que todas as literaturas e visões de vida são essencialmente as mesmas. Porém, tais autores/as eliminam, explicitamente ou implicitamente, a tradução especializada dessa equação, já que esses textos são, de certa forma, vistos como internacionalizados ou culturalmente neutros.

Todas essas tentativas de promover graus significativos de interferência, pelo menos em alguns tipos de tradução, colidiram e ainda colidem com a rejeição de versões explícitas

por editores/as e leitores/as. Com frequência, eles/as não estão preparados/as para aceitar traduções cuja estrutura e redação não tentam mascarar a natureza assimétrica das línguas e culturas. De forma geral, os/as receptores/as não gostam da necessidade de fazer um esforço de leitura extra para entender e lidar com textos que carregam muitas instâncias lexicais e estilísticas, que vão contra o que é considerado ideal de acordo com as convenções para aquele tipo de texto na LA. De um ponto de vista teórico, a teoria da relevância, representada por Gutt (1991) nos estudos da tradução, descreve essa modalidade como tradução direta. A tradução direta forneceria o maior grau possível de semelhança com o original, mas exigiria que o/a leitor/a processasse o texto-alvo usando o contexto do texto-fonte, o que não é realista, já que usamos nosso próprio contexto para entender.

Como consequência, as editoras normalmente não estão preparadas para os custos financeiros envolvidos em promover esse tipo de tradução explícita. Assim, traduções comunicativas, transparentes ou veladas (*covert*), em vários níveis, são o normal e o esperado hoje em dia, mesmo na tradução da Bíblia. Existe uma maioria que defende a redução da interferência formal ao mínimo, com o objetivo de garantir a transparência e alcançar os propósitos do texto traduzido. A noção de equivalência dinâmica de Nida (1964) pode ser um exemplo, pois é voltada especialmente para a tradução bíblica. Outros exemplos significativos dessa mesma postura podem ser encontrados, por exemplo, em Delisle (1988), Pergnier (1989), Newmark (1990), Meiri (1995), Alvarez Lugris (1997), Ballard (1999), Gottlieb (2001), Hansen (2002), Munday (2005) ou Hopkinson (2007).

No caso específico de interferência em tradução técnico-científica, claramente esse também é o caso. Com a possível exceção da tradução juramentada, na qual entendo que normalmente se espera um certo nível de literalidade para que o texto seja considerado “o mesmo”, não há praticamente nenhuma publicação defendendo qualquer tipo de interferência controlada com o objetivo de manter a visão de mundo retratada no texto-fonte. De fato, além da grande maioria de textos práticos sobre questões pedagógicas e profissionais que não abordam esse tema, mesmo em casos de tradução juramentada, o que comumente encontramos em relação à interferência são apelos para minimizá-la a fim de obter traduções mais funcionais ou aceitáveis (Mayoral Asensio, 2000; Prieto Ramos, 2002; Aubert, 2005).

Até onde sei, a maior parte, senão toda a literatura sobre interferência em traduções técnico-científicas centra-se em duas questões principais: como lidar com neologismos evitando o “tradutês” e com a reprovação do incessável processo de anglicização dos textos técnico-científicos que ocorrem, com muita frequência, através de comparações de termos

“errados” relacionados ao inglês com alternativas “certas” na LA. Palavras reveladoras como “problema”, “abuso”, “cognatos”, “adaptação”, “evitar” ou “anglicismos” são absolutamente triviais na literatura (BITRA). A principal corrente atual é claramente contrária aos autores previamente mencionados que defendem a interferência, embora eles sempre se refiram a textos literários e religiosos. Em textos especializados, a maioria parece concordar, em diferentes níveis, que a normalização é algo benéfico e a interferência é, em sua essência, maléfica. É evidente que essa insistência na necessidade de evitar interferências pode apenas ser explicada com o reconhecimento de que a interferência está presente constantemente em traduções técnico-científicas. A parte final do *abstract* (resumo) de um artigo publicado em uma das revistas espanholas mais prestigiadas de tradução pode dar uma boa ideia do sentimento geral que equipara automaticamente interferência com incompetência:

Nesse artigo analisamos a presença do inglês em textos-alvo em espanhol após o processo de tradução e como estruturas sintáticas sutis e convenções pragmáticas estão sendo transferidas do espanhol através de textos técnicos *mal traduzidos*. (Rodríguez Medina, 2002, grifo meu, tradução nossa)⁵

6

Esse debate secular entre os/as defensores/as e opositores/as da interferência, caracterizado pela defesa de formas de traduzir conforme os interesses do/a teórico/a, começou a mudar apenas quando os estudos da tradução se tornaram uma disciplina autônoma na década de 1980. A nova tentativa de substituir o impressionismo pela metodologia científica no estudo da tradução consistiu em estudar o fenômeno da tradução com uma abordagem não prescritiva. Assim, em 1978, Toury já afirmava que a interferência (“interlíngua”) era, muito provavelmente, um fenômeno universal na tradução. Dessa forma, limitar seu estudo à “análise de erro” envolvia um caso grave de simplificação, pois, em muitos casos, a interferência era preferível à forma “pura” das LA e, como argumenta Toury (1978, 1979), deveria ser parte integral de qualquer estudo descritivo sistemático da tradução como um fenômeno empírico.

A principal vantagem dessa abordagem é permitir que o/a pesquisador/a explore a realidade, em vez de apenas julgá-la de acordo com os padrões impressionistas. O objetivo não é fornecer receitas para traduções supostamente melhores independentemente do contexto, mas explicá-las, lançar luz sobre os fatos. A lógica subjacente é que um entendimento não prescritivo do fenômeno irá permitir aos/às tradutores/as agir conscientemente, decidir por si mesmos/as quais estratégias aplicar após obter uma visão completa das possibilidades, motivos e consequências. Essa também será a minha abordagem aqui, na tentativa de iniciar uma explicação da interferência como parte formadora da tradução, suas causas e seus prós e contras na literatura da nossa disciplina.

Interferência em tradução técnico-científica: uma gama de possíveis motivações

Como tentei mostrar, se a interferência é o fenômeno mais próximo de ser universal na tradução e ainda assim é percebida como erro, principalmente em textos científicos e especializados não-canônicos, esses textos são geralmente considerados desprovidos de uma visão de mundo específica. Em outras palavras, ou deve existir uma gama de motivos racionais e compreensíveis para o uso da interferência ou os/as tradutores/as são meramente incompetentes. Esse último motivo parece ser uma má explicação, pois, se fosse o caso, editoras, revisores/as e editores/as simplesmente buscariam profissionais competentes e teriam o cuidado de evitar tal comportamento, já que os/as leitores/as – principalmente leitores/as especializados/as – reclamariam de traduções ilegíveis ou inaceitáveis que prejudicariam o fluxo de informação.

Na minha experiência, existem quatro motivos principais para a interferência na tradução. Esses motivos podem ser definidos separadamente, mas na prática há uma tendência em coincidir: a tensão dupla associada intrinsecamente à tradução; a criação e a preservação de jargões ou terminologia específica; a inexistência de um dado termo ou estrutura na língua-alvo; e o prestígio da cultura-fonte. Todos esses itens estão presentes em diversos tipos de tradução, mas os três últimos são especialmente notáveis na tradução técnico-científica.

A tradução sempre opera entre duas forças, centrípeta e centrífuga, que a empurram em direção às propostas do texto-fonte e das noções de correção e escrita ideal do contexto-alvo de forma paradoxal e simultânea. A atração exercida pelo texto-fonte é uma força centrípeta a qual por si só resultaria em traduções plenas de interferência. Mas tal força é compensada pela força centrífuga derivada das convenções do contexto-alvo, que define a "correção" de acordo com o contexto-receptor e, salvo poucas exceções, sobrepõe as convenções do texto-fonte. Essa sobreposição parcial de convenções e normas significa também que o limite entre interferência e língua-alvo muitas vezes é difuso. Já que os/as tradutores/as em geral almejam que seus textos representem o original e possuam excelência própria de acordo com as convenções aceitas pelo/a leitor/a da língua-alvo, as traduções especializadas ou não, inevitavelmente mostram uma combinação de graus variados das duas forças. Esses graus variam conforme os/as tradutores/as querem ou podem fazer seu texto parecer *um* original ou *o* original. Tal motivação está presente, por definição, em toda tradução com um mínimo de complexidade e é a razão pela qual a interferência pode ser considerada algo semelhante a uma característica universal na tradução. Essa é também a característica que detectamos de imediato ao observar que um dado texto parece uma tradução, tornando-a um aspecto inerente de nossa imagem mental de

mediação interlinguística (Tirkkonen-Condit, 2002).

A força centrípeta exercida dentro da dupla tensão ou atração pelos contextos fonte e alvo se apoia em um estímulo poderoso — a força econômica. Essa força faz com que tradutores/as desviem-se do texto-fonte apenas quando estritamente necessário, pois geralmente trabalham com prazos apertados e remuneração modesta, e realizar uma tradução conservadora é a forma mais rápida e mais econômica de trabalhar.

Para acabar com a tensão dupla, é necessário enfatizar que a força centrífuga envolvida nesta dupla condução está sempre presente, incentivando tradutores/as a se desviarem do texto-fonte para alcançar as (supostas) expectativas de seus/suas leitores/as. Assim, os/as tradutores/as se sentem forçados/as a enfrentar o desafio de negociar e encontrar um equilíbrio entre dois estímulos opostos, resultando em várias ponderações históricas, tipológicas, e idiossincráticas, cuja análise forma uma importante parte da pesquisa dos estudos da tradução. A criação e preservação de terminologias ou jargões é simplesmente uma característica inerente à humanidade. Qualquer grupo de pessoas que compartilhe uma profissão ou interesse comum apresenta uma inclinação a criar sua própria terminologia por dois motivos principais: necessidade e exclusividade. A respeito da necessidade, qualquer atividade humana aspira ter sua própria terminologia para obter precisão e clareza. Caso precise bradar instruções em um barco no meio de uma tempestade, o uso da palavra “estibordo” seria mais recomendado do que “direita”, pois traz a clareza e simplicidade necessária. A busca pela biunivocidade (um termo por objeto/conceito e um objeto/conceito por termo) em terminologia é uma consequência natural sua (e o fracasso em atingir a biunivocidade na maioria das disciplinas técnico-científicas é uma das grandes dores de cabeça para tradutores/as especializados/as, mas isso é outra história). No que tange à exclusividade, a criação de terminologias traz um grau importante de opacidade para grupos externos, algo que é geralmente reforçado pelos grupos internos, pois fortalece a sensação de pertencimento e destaca seus negócios, suas vocações ou situações das de outras almas mortais. Isso é facilmente perceptível no caso de adolescentes ou criminosos/as, mas o mesmo se aplica a profissionais de qualquer área de conhecimento, tais como advogados/as, médicos/as ou pesquisadores/as no campo dos estudos da tradução.

O motivo da criação de terminologias, combinado mais uma vez com a economia de esforços, é particularmente importante ao tentar explicar o uso considerável de interferência técnica em línguas além do inglês. Assim, caso o desejo seja que a disciplina seja descrita em seus próprios termos, em geral é mais fácil importar palavras e estruturas prontas ao invés de criar novas. Isso sem esquecer o bônus da exclusividade, pois termos importados têm uma

inclinação a uma opacidade maior do que a de termos derivados de palavras preexistentes da língua-alvo (uma das razões pela qual jargões técnicos modernos acabam sendo mais opacos para o/a leitor/a em geral quando não estão em inglês). Esse motivo intensifica-se também pelo argumento de promover a internacionalização da terminologia própria, facilitando o fluxo de conhecimento técnico-científico. Essa é uma razão importante e bastante citada para justificar a não tradução de abreviações, que provavelmente representam o grau máximo de interferência em traduções técnico-científicas.

A não existência de um neologismo é uma justificativa poderosa para o uso da interferência em tradução técnico-científica. Certamente, ao decidir importar ou não um item estrangeiro, a não existência de um termo ou estrutura específica na LA é a razão comumente aceita por prescritivistas, apesar da insistência em primeiramente explorar todas as possibilidades de termos preexistentes ou criar novos na LA. Ao mesmo tempo, a existência de um termo prévio na LA não é uma garantia contra a interferência, embora torne mais difícil justificar e implementar neologismos devido à oposição dos/das prescritivistas.

Por exemplo, nas terminologias biomédicas, existem muitos casos de termos incorporados de acordo com as tendências da moda. Termos como “acidente cerebrovascular” (*cerebrovascular accident*) ou “randomizado” (*randomised*)⁶ são empregados quando já existem outros tais como apoplexia e aleatório. A importação de termos e estruturas, assim como a decisão de se aproveitar de um termo preexistente ou cunhar um novo na língua-alvo, depende significativamente do prestígio ou da centralidade das duas sociedades envolvidas na transferência de línguas, o que nos leva ao nosso quarto motivo.

Quer queira quer não, cada momento histórico registra a existência de sociedades que estão mais à frente, ao menos no que tange o empunhar do poder político e/ou o nível de pesquisa científica e capacidade de inovação. Essa preeminência geralmente envolve um tipo de prestígio dado à língua em que tais inovações são cunhadas. O advento da internet e a consequente globalização e democratização do conhecimento torna isso ainda mais claro, com especialistas lendo e tentando escrever diretamente em inglês, a língua franca da ciência para se manterem atualizados/as e ganharem reconhecimento. Na Espanha e em muitos outros países não anglófonos, as autoridades acadêmicas e administrativas valorizam abertamente os textos escritos em inglês e publicados em jornais “internacionais” (vulgo de língua inglesa), abnegando quase tudo escrito nas línguas locais e publicado em periódicos locais.

Esse motivo, assim como a tensão dupla, é acompanhado de uma força contrária, representada pela defesa da língua-alvo (ou a variante regional do inglês). Agentes puristas

como: as academias de línguas vernáculas românicas, nomenclaturas apoiadas por governos, periódicos ou alguns dicionários rejeitam de forma implícita ou explícita a importação de palavras e estruturas estrangeiras. Elas são consideradas um fenômeno maléfico que empobrece a língua-alvo, dificultando sua capacidade de descrever o mundo e a tornando um meio secundário de comunicação, principalmente nos campos técnico-científicos.

A depender da aplicação de autoridade de agentes prescritivistas ou puristas na sociedade receptora, uma língua poderá sofrer mais ou menos interferência em relação a outra. Assim, o francês possui menos empréstimos do inglês do que o espanhol devido às instituições linguísticas poderosas e da consciência nacionalista preservada pelo povo francês quando comparado ao espanhol. Da mesma forma, a defesa do modo particular e possivelmente ameaçado do inglês como língua científica parece incentivar revistas acadêmicas e científicas como a *Jostrans* e a *British Medical Journal* a pedir contribuições escritas em inglês britânico, uma chamada explícita contra tal tipo de interferência. As revistas técnico-científicas dos Estados Unidos, no entanto, que não tem necessidade alguma aparente de se defender contra esse deslocamento linguístico, não aplicam tais restrições. Em sociedades pós-coloniais, a carência de terminologia pode estender-se a uma ausência de todo um gênero na(s) língua(s) originária(s), fazendo que seja possível ter 100% de interferência em alguns tipos textuais. Um exemplo acontece com códigos legais e leis constitucionais de alguns países da África, que ainda são completamente escritos na língua do ex-poder colonial e não nas línguas locais.

Em campos técnico-científicos nos quais neologismos são numerosos e quase que sistematicamente em língua inglesa, a atração é bastante forte. Isso é claramente verídico para especialistas com consciência não linguística, que se contentam em importar uma fatura de termos, já que estes trazem prestígio e exclusividade. Além disso, os/as especialistas e seus/suas colegas estão familiarizados/as com tais termos através de suas próprias leituras, o que facilita a importação (apenas copiar ou adaptar) ao invés de criar novos termos que possam vir a ser questionados.

Essa inclinação é também bastante forte no caso da interferência sintática. Considerando que a globalização resulta em cada vez mais especialistas desejando publicar suas pesquisas em periódicos internacionais e o aumento da leitura de referências em língua inglesa, percebe-se um crescente uso de convenções técnicas de língua inglesa em escala macro e micro, até em publicações escritas originalmente na língua-alvo, para o desgosto dos/as agentes puristas.

Do ponto de vista de tradutores/as técnico-científicos, existem muitos tipos textuais em que,

como na argumentação de Toury mencionada anteriormente, a interferência é preterida a instâncias “puras” na língua-alvo. Não é estranho observar estudantes de tradução reclamando de professores/as que lhe inculcaram um respeito maior pela pureza da língua-alvo, ao mesmo tempo que suas traduções profissionais são rejeitadas por serem de uma pureza tão grande que as torna difíceis de serem aceitas por seus leitores/as especializados/as.

Há alguns anos Neubert (1990) atestou que tradutores/as novatos/as frequentemente se surpreendem e até podem se chocar com a reação de especialistas em determinados assuntos quando percebem que retraduzem partes de um texto bem redigido na língua-alvo e por insistirem em termos e sintagmas estrangeiros que o/a tradutor/a, preocupado/a com a LA, deliberadamente eliminou. Mas a noção de especialistas sobre o que é satisfatório em um texto técnico, segundo o autor, é muito diferente da ideia do que é um bom exemplo de tradução para o/a tradutor/a. Em outras palavras, o impacto da tradução, nesse caso, da tradução de especialistas, já é vista como pertencente à língua-alvo. A observação dos padrões da língua-fonte talvez seja considerada uma particularidade, mas é certamente uma característica de muitos textos recentes na língua-alvo, especialmente os de natureza especializada, como os de medicina, física ou eletrônica. Portanto, o impacto da tradução em nossa época é cada vez mais multidirecional. É verdade que cada língua-alvo é lida, individualmente, com esse afluxo verbal de maneira específica. Entretanto, o resultado real, por mais diferente que seja de LA para LA, é também, invariavelmente, marcado por muitos internacionalismos (Neubert, 1990).

11

Prescritivismo e descritivismo na escolha de terminologia em traduções técnico-científicas

Depois desta discussão, vejo como apropriado tentar resumir os argumentos mais comuns contra e a favor da interferência em traduções técnico-científicas no contexto dos motivos discutidos anteriormente, caracterizados por uma força dupla sistemática e paradoxal. Conforme mencionado, ao se referir ao estudo da interferência em escrita especializada, podemos dizer que existem duas abordagens principais ou dois polos metodológicos: descritivismo e prescritivismo. Essas duas abordagens também são aplicáveis ao ato de traduzir. Para defini-los em instância mais extrema e de forma mais sucinta, os/as descritivistas acreditam que os/as tradutores/as devem adaptar-se às formas de uso do público, mesmo que elas sejam questionáveis ou ilógicas. Os/As prescritivistas, no entanto, acreditam que se deve utilizar o termo mais correto para respeitar os padrões tradicionais da LA por completo, ainda que isso possa significar que estão remando contra a maré.

É claro que os critérios de correção são o problema crucial aqui. Eles são todos derivados do segundo polo da dicotomia de dupla tensão já mencionada, favorecendo a ideia de um texto-alvo igual a UM original. De forma geral, isso pode ser resumido por um dos três critérios a seguir ou uma combinação deles: 1) respeitar as estruturas morfogenéticas ou sintáticas da língua-alvo, o que significa que as derivações ou estruturas utilizadas na tradução devem ser ajustadas ao padrão tradicional na LA; 2) respeitar o vocabulário preexistente na LA, o que significa rejeitar a criação de termos “desnecessários” e a necessidade de cunhar neologismos derivados de termos preexistentes da LA e; 3) respeitar a lógica semântica do termo resultante quando comparado a termos similares preexistentes na LA.

Prescritivistas instruídos/as normalmente possuem a habilidade de apresentar razões que não parecem arbitrárias, puramente estéticas ou desproporcionalmente nacionalistas. Ao contrário, seus argumentos são dotados de senso comum e embasados em conhecimentos concretos da dinâmica da LA. Assim, é difícil negar que ao menos as coisas seriam muito mais organizadas e lógicas se fossem feitas de acordo com as percepções prescritivas. O exemplo dos termos “randomizado/aleatorizado” do inglês *randomised*, previamente mencionado, claramente ilustra a situação. Em português ou espanhol, o sentido científico de *random* é, com frequência, traduzido como “aleatório”, um termo comum em estatística. Dessa forma, não faz sentido cunhar o neologismo “randomizado” (muito opaco para grupos externos) quando seria bastante simples transformar a palavra preexistente em “aleatorizado”.

Em contrapartida, os/as descritivistas declaram que, ao lidar com a comunicação, a questão principal é não estar de acordo com o *status quo* ou o filologicamente correto. Eles/as compreendem que a escolha de um neologismo é (sem dúvida, infelizmente) muitas vezes distinta de razões de lógica linguística e mais associadas às relações de poder, sejam internas (como a conveniência de criar uma forte identidade de grupo decorrente do motivo de criação, conforme referido anteriormente) ou externas (por conta do prestígio, representado pelo inglês como a língua das ciências e inovação por excelência).

Os/As descritivistas acreditam que o papel de redatores/as técnicos/as, inclusive tradutores/as, não é majoritariamente pedagógico, mas sim comunicativo. Assim, ao ter que escolher entre uma correção intrínseca da língua-alvo e eficácia comunicativa, a última deve ser prioridade. Por via dessa conexão, tem-se como ideia central que a comunicação técnico-científica otimizada não consiste em escolher o melhor termo descontextualizado, mas em garantir a clareza e precisão de informações recebidas pelo/a destinatário/a. Nesse contexto, clareza e precisão significam adaptar-se às expectativas dos/das leitores/as especializados/as,

mesmo que as opções incomuns sejam sancionadas pela tradição e respeito à LA, ao invés de forçá-los/as a adivinhar a opção “correta” ou lidar com uma sintaxe que pode parecer inapropriada quando comparada ao uso vigente no gênero textual.

Ao aceitar esse ponto de vista, será necessário rejeitar a versão “correta” em prol de uma que seja utilizada na prática. Para ilustrar, trago o exemplo de um sintagma que até prescritivistas aceitaram, apesar de sua falta de lógica linguística na língua-alvo: em espanhol, o termo é *ciencia ficción* (ficção científica, em português) ao invés de *ficción científica*, como deveria ser a forma de construção desse sintagma no idioma, cuja gramática não contempla a possibilidade de usar substantivos na função de adjetivos. Porém, pelo fato do termo ser derivado do inglês, possivelmente do francês (duplo prestígio), e por não haver um termo preexistente em espanhol, acabou resultando nessa decisão.

Na prática dos dias atuais, o prescritivismo “rígido” não é frequente – ao menos não na Espanha. O posicionamento purista mais comum é aceitar o inevitável e apenas escolher as batalhas que podem ser vencidas, ou seja, casos em que uma diversidade de opções terminológicas permita a escolha sem comprometer a clareza, a precisão, e por último e com menos relevância, a aceitabilidade. Por exemplo, na linguagem médica em espanhol, existem as palavras *droga* e *fármaco*, porém *droga* tradicionalmente refere-se a substâncias ilegais, narcóticos ou viciantes. Além disso, temos o caso explicado anteriormente de *randomización/aleatorización* (randomização/aleatorização). Se “purista” é o termo derogatório para tradutores/as prescritivistas, “frequentista” é o termo que se aplica aos/as descritivistas. O maior problema em potencial de aceitabilidade, no caso do frequentismo, é levar em consideração que o uso da linguagem não é algo unidimensional, mas multidimensional. Essa multidimensionalidade é uma fonte de dores de cabeça para tradutores/as, principalmente novatos/as: um termo pode ser frequente no uso geral, mas ser rejeitado por leitores/as especializados/as como impreciso ou não específico o suficiente. Escolher uma variante popular ao traduzir para um texto especializado com base em uma pesquisa rápida no Google – restringindo-se, por exemplo, apenas ao número de resultados como critério definitivo – é uma fonte constante de problemas relativos à aceitabilidade por parte dos/as leitores/as, e os/as tradutores/as provavelmente estarão fora das fronteiras terminológicas.

Tradutores/as profissionais de textos técnico-científicos costumam ser descritivistas em sua essência e, ao mesmo tempo, alcançar um equilíbrio entre o que pode ser a correção intrínseca do ponto de vista da estrutura, padrões e lógica semântica da LA e o uso real na

perspectiva comunicativa. Isso significa combinar filtros quantitativos e qualitativos ao buscar por terminologia na internet ou em bibliografias pertinentes.

Como de costume na tradução, o ecletismo acaba vencendo. Na prática, profissionais da tradução técnico-científica estão cientes que nem sempre existe uma solução terminológica única e existem ao menos duas perspectivas bastante diferentes no caso da interferência. Normalmente, um/a profissional está ciente de que se a verificação de um dado termo é posta em uso, ou melhor, é o preferido no domínio do tipo textual que está traduzindo (garantindo clareza e aceitabilidade) e que este termo significa realmente o que quer transmitir (garantindo precisão), as coisas devem acabar bem. Além disso, se for possível escolher o termo mais lógico e cortês à LA por ser mais utilizado e aceito pelos/as leitores/as, melhor ainda. É lógico que muitas vezes acaba sendo mais fácil falar do que fazer. A possibilidade existe, ao combinar filtros de qualidade e quantidade na documentação, mas se deve ter o preparo para receber críticas de ambos os polos, pois sempre haverá uma alternativa preferida do outro lado.

REFERÊNCIAS

14

- Alvarez Lugrís, A. (1997). *Os falsos amigos da traducción. Criterios de estudio e clasificación*. Vigo: Universidade de Vigo.
- Aubert, F.H. (2005). Dilemas da literalidade na tradução juramentada. *Trabalhos em Lingüística Aplicada* 44 (2), 247-263.
- Ballard, M.(1999). *Les Faux amis*. Paris: Ellipses.
- Benjamin, W. (1923). The Task of the Translator (tradução para o inglês de H. Zohn). *TTR : traduction, terminologie, rédaction*, 10 (20), 1997, 207-233.
- BITRA (Bibliography of Interpreting and Translation)* (2001) Open, annotated, and online bibliography of translation. Disponível em: <https://dti.ua.es/en/bitra/>
- Chesterman, A. (1989). *Readings on Translation Theory*. Helsinki: Oy Finn Lectura, 13-24.
- Berman, A. (1984). *L'Epreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Paris: Gallimard.
- Cicero, M.T. (46 B.C.) From 'On the Orator. André Lefevere (Ed.) (1992). *Translation / History / Culture: A Sourcebook*. London: Routledge, 46.
- Delisle, J. (1988). Les anglicismes insidieux. Pergnier, Maurice (ed.) 1988. *Le français en contact avec l'anglais. Hommage à Jean Darbelnet*. Paris: Didier Erudition, 147-158.
- Gottlieb, H. (2001). *Anglicisms and TV Subtitles in an Anglified World*. John Benjamins.

-
- Gambier, Y. & Henrik G. (2001). *(Multi)Media Translation. Concepts, Practices, and Research*. Amsterdam: John Benjamins, 249-258.
- Gutt, E. A. (1991). *Translation and Relevance: Cognition and Context*. Oxford: Blackwell.
- Hansen, Gyde (2002). Interferenz bei Referenz im Übersetzungsprozess. *Linguistica Antverpiensia New Series* 1, 303-326.
- Hopkinson, Chris (2007). Factors in Linguistic Interference: A Case of Study in Translation. *SKASE (Journal of Translation and Interpretation)*, 2 (1), 13-23.
- Humboldt, W. V. (1816). The More Faithful, The More Divergent (From the Introduction to his translation of Aeschylus' Agamemnon). Douglas Robinson (Ed.) (1997). *Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche*. Manchester: St. Jerome, 238-240.
- Jerome (405 d.C.) Epistula LVII. Ad Pammachium. Liber de optimo genere interpretandi. Douglas Robinson (Ed.) (1997). *Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche*. Manchester: St. Jerome, 22-30.
- Mayoral Asensio, R. (2000). (Official) Sworn Translation and Its Functions. *Babel*, 46 (4), 300-331.
- Mejri, S. (1995). *La néologie lexicale*. La Manouba: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba.
- Munday, J. (2005). E-mail, Emilio, or Mensaje de Correo Electronico? The Spanish Language Fight for Purity in the New Technologies. Anderman, Gunilla. & Margaret Rogers (eds.) 2005. *In and Out of English: for Better, for Worse?* Clevedon: Multilingual Matters, 57-70.
- Neubert, A. (1990). The Impact of Translation on Target Language Discourse Text vs. System. *Meta*. 35 (1), 96-101.
- Newmark, P. (1990). The Virtues of Interference and the Vices of Translationese. Newmark, Peter (1991). *About Translation*. Clevedon: Multilingual Matters, 78-86.
- Newmark, P. (1991). *About Translation*. Clevedon: Multilingual Matters, 78-86.
- Nida, E. A. (1964). *Toward a Science of Translating. With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Leiden: E. J. Brill.
- Pergnier, M. (1989). *Les anglicismes. Danger ou enrichissement pour la langue française?* Paris: PUF.
- Prieto Ramos, F. (2002). Beyond the Confines of Literality: A Functionalist Approach to the Sworn Translation of Legal Documents. *Puentes*, 2, 27-35.
- Rodríguez Medina, M. J. (2002). Observaciones a propósito de la traducción como vía de entrada de anglicismos al español. *Sendebat* 13, 73-80.

Schleiermacher, F.D.E. (1813). *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens (ed & tr. of bilingual German-Spanish version V. García Yebra)*. Madrid: Gredos.

Tirkkonen-Condit, S. (2002). "Translationese' a Myth or an Empirical Fact?

A Study into the Linguistic Identifiability of Translated Language. *Target*, 14 (2), 207-220.

Toury, G. (1978). Interlanguage and its Manifestations in Translation. *Meta*. 24(2), 223-231.

Venuti, L. (1998). *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. London: Routledge.

¹ N.T.: O artigo *An overview of interference in scientific and technical translation*, em inglês, foi publicado pelo *The Journal of Specialised Translation*.

Aixelá, Franco. (2009) An overview of interference in scientific and technical translation. *The Journal of Specialised Translation*, 11, 75 – 88. https://www.jostrans.soap2.ch/issue11/art_axela.pdf

A tradução do artigo *An overview of interference in scientific and technical translation* e sua publicação foram autorizadas pelo autor em março de 2022. A tradução faz parte do projeto de pesquisa “Metatradução como Método Pedagógico para a Formação de Tradutores/as”, realizada de forma colaborativa pelo grupo de pesquisa Textos Fundamentais em Tradução (Key Texts in Translation – KiT) da Universidade Federal da Bahia.

16

² Esse artigo foi parcialmente possível graças ao projeto de pesquisa financiado pelo Ministério da Cultura espanhol, sob o nome de “Ampliación, desarrollo y aprovechamiento de la base de datos en línea BITRA (Bibliografía de Traducción e Interpretación: <https://dti.ua.es/es/bitra/introduccion.html> - acessado em 26/04/2024)” Código: HUM2007-66784-C05-01.

³ N.T.: Sobreposição e combinação de duas interpretações anteriores de um texto na língua-fonte.

⁴ BITRA é uma bibliografia anotada, aberta, livre e disponível em várias línguas: https://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/buscar.asp?idioma=en

⁵ N.T.: *In this paper we analyse the presence of English in Spanish target texts after the translation process and how subtle syntactic structures and pragmatic conventions are being transferred to Spanish through badly translated technical texts.*

⁶ N.T.: Exemplos do espanhol também aplicáveis no português brasileiro.